

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL**O olhar feminino sobre o desenho em Arteterapia na dependência de drogas
The female perspective on drawing in art therapy in drug addiction**Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres¹Laíza Thainá Araújo Rodrigues²

Resumo: O estudo objetivou compreender a percepção de mulheres em situação de dependência de drogas a partir do desenho projetivo da ponte em Arteterapia. Esse trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa, de delineamento descritivo e exploratório. A coleta de dados consistiu em três momentos distintos: aplicação do questionário com o perfil das participantes, criação do desenho da ponte em Arteterapia pelos participantes e uma entrevista sobre o desenho por meio de intervenção individual. Para análise de dados foi utilizada a Análise de Conteúdo, modalidade Temática. Desse modo, emergiram três categorias: A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte; O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte; Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte. Nos relatos sobre o desenho, as participantes conseguiram verbalizar a conexão do desenho com sua vida pessoal relacionada à sua condição de ser mulher adicta. Verificou-se que existiam experiências semelhantes de fragilidade e demandas em cada categoria, na condição de ser mulher adicta. Diante dessa vivência, acredita-se que o desenho projetivo deve ser despertado e ofertado por profissionais da área nesse contexto para compreender o sofrimento das mulheres adictas e valorizar as particularidades de suas dores e potencialidades, de forma lúdica e criativa.

Palavras-chave: Arteterapia; saúde da mulher; saúde mental; transtornos relacionados ao uso de substâncias.

Abstract: The study aimed to understand the perception of women in situations of drug addiction based on the projective design of the bridge in Art Therapy. Qualitative research, with a descriptive and exploratory design. Data collection consisted of three distinct moments: application of the questionnaire with the participants' profile, creation of the bridge design in Art Therapy by the participants and an interview about the design through individual intervention. Content Analysis, Thematic modality, was used for data analysis. Three categories emerged: The previous life story: perceptions of life before the bridge, The current

¹ Arteterapeuta há 28 anos, prof^a Dra na Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Enfermagem psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9601473625455733>. Associada pela Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA) no 001/030.

² Enfermeira formada pela Universidade de Brasília (UnB). Enfermeira, graduada pela Universidade de Brasília 2022. Pós graduada em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família; Enfermagem em Ginecologia e Obstetria. *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6709908783890176>.

path: perceptions of life while crossing the bridge and Desires and dreams: perspectives of the future after the bridge. In reports about the drawing, the participants were able to verbalize the drawing's connection with their personal life related to their condition of being an addicted woman. It was found that there were similar experiences of fragility and demands in each category, as a female addict. Given this experience, it is believed that projective drawing should be encouraged and offered by professionals in the field in this context. to understand the suffering of female addicts and value the particularities of their pain and potential, in a playful and creative way.

Keywords: Art therapy; mental health; substance use disorders; women's health.

Introdução

O consumo de álcool e outras drogas é uma prática bastante comum na história da humanidade, mas, ainda que o consumo de drogas psicoativas seja inerente à própria condição humana, o abuso dessas substâncias psicoativas pode revelar um refúgio de uma frustração existencial e a fuga de si mesmo. Aspectos que podem ser causados por perdas e separações na vida e sugerem o enfrentamento de uma existência humana fragilizada, baixa autoestima e dificuldade da pessoa em lidar com o próprio sofrimento (IURKIV, 2019; MIRANDA; NASCIMENTO; SILVA, 2021).

Uma vez que a dependência de substâncias psicoativas está instalada, há o indício de um grave problema de saúde pública, segurança e assistência pública no Brasil. Já que essa dependência gera uma série de sofrimento na vida das pessoas, por fragilizar as relações interpessoais, acarretar violências, crises domésticas e comunitárias, o afastamento de familiares, acidentes de trânsito, agravos a saúde mental e física, comorbidades psiquiátricas, dificuldades e evasão educacional, infecções sexualmente transmissíveis, desempregos, furtos, mortes entre outras. Além do que, nos cuidados com pessoas dependentes de drogas são relatados transtornos psicológicos graves e várias expressões emocionais negativas, como sentimentos de solidão, abandono e isolamento social também causados pelo estigma do transtorno inerente (MIRANDA; NASCIMENTO; SILVA, 2021).

A dependência de drogas pode afetar a todos, independente de gênero, faixa etária e classe social. Com o panorama atual em que a mulher é um sujeito cada dia mais ativo na sociedade, sabe-se que houve um aumento significativo do seu consumo, abuso e dependência do álcool (NASCIMENTO *et al.*, 2017; CEZAR; RIBEIRO; FRANCKE, 2021). Acredita-se que a mulher adicta pontua maior agravamento do que os homens nos aspectos biológicos, em relação aos preconceitos, aos relacionamentos familiares, amorosos e na ruptura de papéis sociais, que podem modificar de forma significativa a adesão e o processo de tratamento. Por conseguinte, os prejuízos significativos sobre a saúde física, psíquica,

social e espiritual das mulheres dependentes de drogas as fazem se encontrar num contexto de alto risco social e de desestruturações pessoais e familiares (IURKIV, 2019; MEDEIROS; BARROS; MACIEL, 2020).

O Centro de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas (CAPS-ad), estabeleceu-se no Brasil como um serviço público de saúde mental voltado para o público de dependente de drogas e seus familiares e segue as premissas da reforma psiquiátrica dentro de uma dinâmica de reinserção familiar, social e comunitária e com as políticas de redução de danos (LACERDA; FUENTES-ROJAS, 2017) em oposição à lógica manicomial pré-existente. Diante da complexidade em torno do tratamento e da reabilitação psicossocial de dependentes de drogas, os CAPS-ad dispõem de oficinas terapêuticas, atendimentos grupais, individuais e familiares/comunidade com uma equipe transdisciplinar em saúde mental. Nas oficinas do CAPS-ad são inseridas atividades criativas e inovadoras – como a Arteterapia.

Como modalidade terapêutica, a Arteterapia estimula o desenvolvimento criativo em prol do sentido e da qualidade de vida de dependentes de drogas, além de trabalhar com a singularidade e a história de vida dos participantes em detrimento à patologização do transtorno (VALLADARES-TORRES, 2021a; 2021b). Nesse sentido, a Arteterapia pode ser um mecanismo catártico diante do sofrimento psíquico, dando possibilidade para que a pessoa possa olhar para seu mundo interno e resgatar o equilíbrio emocional, além de ser uma ferramenta para relaxar, descontrair e adquirir novas experiências e, enfim, promover a saúde mental (FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021).

Assim, acredita-se que o uso do desenho, uma das técnicas em Arteterapia, possibilita a comunicação da subjetividade de mulheres adictas, pois pode ajudá-las a exprimir emoções, sentimentos e necessidades sem o peso da linguagem verbal (VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020). O uso do desenho da ponte em Arteterapia foi trabalhado pelos autores Darewych e Bowers (2018) e aplicado a pessoas australianas, canadenses e ucranianas. Como resultado, os autores concluíram que esse tipo de desenho estimula criativamente a imaginação dos participantes, já que eles conseguem refletir sobre seus objetivos de vida, obter *insights* sobre as forças das suas emoções, determinar suas fontes de significado da vida e explorar seus aspectos espirituais.

Inspirado neste trabalho, este estudo parte do pressuposto de que o desenho da ponte em Arteterapia no âmbito dos cuidados terapêuticos em saúde mental pode ajudar a promover a intervenção psicossocial e ser eficaz no acompanhamento de mulheres em sofrimento psíquico decorrentes do uso abusivo de substâncias psicoativas. Portanto, o trabalho é norteado pela seguinte questão de pesquisa: como as mulheres adictas se percebem a partir do desenho da ponte em Arteterapia?

As respostas desencadeadas desse questionamento podem desvelar saberes

voltados para as singularidades de mulheres dependentes de drogas.

Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo geral compreender a percepção de mulheres em situação de dependência de drogas a partir do desenho projetivo da ponte em Arteterapia.

Objetivo Específico

O estudo tem como objetivo específico conhecer o perfil das pacientes adictas participantes da pesquisa.

Método

O trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa de natureza qualitativa, de delineamento descritivo e exploratório de Análise Temática e seguiu as recomendações do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research – COREQ (TONG; SAINSBURY; CRAIG, 2007).

Participaram do estudo mulheres dependentes de drogas usuárias de um CAPS-ad III de uma região administrativa do Distrito Federal e foram considerados como critérios de inclusão: idades iguais ou superiores a 18 anos, que concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No entanto, foram excluídas as que apresentassem dificuldades física e/ou mental de compreender o desenho projetivo e/ou responder os instrumentos da pesquisa.

Nesta pesquisa, enfatizou-se o discurso verbal emitido a partir do desenho projetivo da ponte em Arteterapia pelas mulheres adictas participantes. Os dados foram coletados por meio de intervenção individual de Arteterapia e foram recolhidos no período de março a novembro de 2019 em sala disponibilizada pela instituição; e cada intervenção teve duração total de, aproximadamente, 2 horas. A pesquisa foi coordenada por uma arteterapeuta e os dados foram coletados em parceria com os alunos de enfermagem, auxiliares de pesquisa.

A coleta de dados foi norteadada por três etapas distintas, inicialmente houve a aplicação do questionário sobre o perfil das participantes, posteriormente ocorreu a criação do desenho da ponte pelas participantes e, finalmente, se deu uma entrevista sobre o desenho. No questionário sobre o perfil sociodemográfico, clínico e psiquiátrico das participantes trabalhou-se com as variáveis idade, escolaridade, estado civil/afetivo, número de filhos, dinâmica familiar, vínculo empregatício, atividades laborais, residência, início do uso e droga de dependência, comorbidades psíquicas e físicas e tempo de tratamento no CAPS-ad. Posteriormente, na criação de um desenho temático sobre a ponte em uma contextualização livre em Arteterapia, foram disponibilizados os seguintes materiais: lápis de cor e preto 2B, borracha, canetinha hidrocor, giz de cera e uma folha de papel sulfite branco

tamanho A4.

Para além da concretização dos desenhos e com o objetivo de aprofundar nas questões trazidos pelo texto não verbal (desenho) e manter um clima de trocas e diálogo - fala, escuta e reflexão, a exploração da temática foi subsidiada pelas questões trazidas pelos pesquisadores, como: título; Uma história ou o que o desenho fazia lembrar ou pensar; O que a ponte tem a ver com você?; Qual o sentido da ponte para sua vida?; De onde a ponte veio e para onde ela vai levá-la (sonhos, objetivos e metas)?; O que está fazendo na ponte?; Qual sua responsabilidade daqui para frente?

Na análise de dados foram agrupados, inicialmente, os resultados do perfil das participantes de forma descritiva e, em seguida, utilizou-se a análise de conteúdo, modalidade temática sobre os relatos das mulheres dependentes de drogas. Essa análise identificou a expressão do significado, dos sentimentos, do comportamento e da história de vida revelados pelas participantes. Essa técnica de análise foi proposta por Bardin (2011) e inclui as fases: leitura flutuante das histórias, categorização, descrição e interpretação das informações obtidas pelas unidades temáticas.

A presente investigação faz parte do projeto denominado A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias, que obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (CEP/FEPECS), sob o CAAE nº 44625915400005553. Foram respeitados os preceitos éticos e legais da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Antes do início da pesquisa, todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e a técnica de coleta adotadas e assinaram o TCLE e o termo de autorização para fotografar os desenhos. Para preservar o anonimato, as participantes foram denominadas por nomes de flores.

Resultados

Participaram deste estudo 20 mulheres dependentes de drogas, com idade entre 18 a 64 anos, sendo que a média de idade foi de 44,5 anos. A maioria tinha Ensino Médio completo, estava sem companhia afetiva, apresentava uma média de três filhos, mas muitas perderam a guarda deles em algum momento da vida. A maioria tinha vínculo familiar conflituoso e não estava com vínculo empregatício, todas exerciam majoritariamente as atividades do lar e residiam com a família em residência própria.

A iniciação do consumo de drogas ocorreu entre 15 a 25 anos, por incentivo do companheiro, de amigos ou de parentes e entre 34 e 42 anos elas já se consideravam dependentes dessas substâncias, em especial do álcool. A maioria relatou histórico de sintomas de ansiedade e depressão grave - associada a uma condição crônica do uso de álcool, expôs ideação suicida em algum momento da vida e fazia uso de terapia medicamentosa – ansiolíticos e antidepressivos. Igualmente, relataram ter hipertensão e

tempo de tratamento no CAPS-ad menor do que um ano.

No tocante ao simbolismo da ponte, há a representação da travessia entre duas dimensões ou dois mundos, que podem ser representados pela terra *versus* céu, pela vida *versus* morte, pela contingência *versus* imortalidade, pela passagem de um ser *versus* outro estado mais elevado, pela deterioração *versus* salvação ou entre dois desejos em conflito. Além do que, sinaliza uma passagem perigosa ou um divisor de uma dimensão moral, ritual ou religiosa a ser escolhida e superada, como toda viagem iniciatória do homem (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). No contexto trabalhado, esses significados surgiram em forma de passado – ser adicta *versus* futuro – seguir projetos e sonhos sem o transtorno.

Ao longo do trabalho, pode-se identificar, a partir das verbalizações emitidas pelas mulheres adictas sobre o desenho da ponte, o **olhar feminino sobre o processo saúde-doença que elas estavam vivenciando no momento** e emergiram, a sequência, três categorias: A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte; O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte; e Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte. Assim, essas categorias trouxeram a simbologia da ponte descrita acima, que indicava as duas dimensões representadas pelo passado em direção ao futuro, além da projeção do momento presente – uma passagem perigosa a ser superada, no caso, pelo tratamento.

Categoria I - A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte

Nesta categoria, foram identificadas a condição de ser mulher no mundo das substâncias psicoativas e as suas causas. A seguir foram apresentados alguns exemplos:

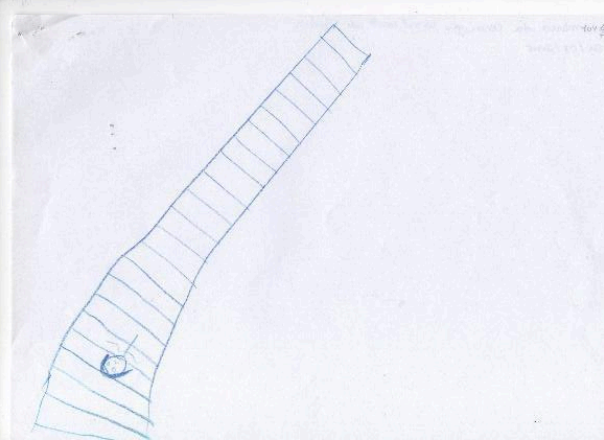
Toda a minha infância e adolescência foi marcada por cenas de violência sexual por parte do meu padrasto. E eu não podia contar para ninguém, nem para minha mãe, porque ninguém acreditava na minha história [...]. (Begônia).

Foi muito triste a minha separação, por um tempo fiquei sem saber o que fazer da vida, daí comecei a beber todos os dias [...]. (Verbena).

Quando eu era jovem, todos meus familiares e amigos consumiam muitas drogas, principalmente álcool e cigarro, e eu usava junto com eles, como uma forma de anestesiarem momentaneamente minhas angústias. Depois, eu comecei a beber pesado, mas sempre existia um olhar diferenciado - de exclusão, por eu ser mulher [...]. (Ipê Branco).

O Quadro 1 apresenta um desenho projetivo da ponte desenvolvido por dependentes

de drogas durante intervenção de Arteterapia, juntamente com a autoria e a história do mesmo para ilustrar a Categoria I - A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte.

 <p>Figura 1. Desenho de Girassol.</p>	<p>Título: <i>Equilíbrio</i></p> <p>Narração do desenho: [...] <i>ninguém da minha família aceitava a minha doença e, no início, eu também acreditava que conseguia controlar a vontade de beber e não precisava de tratamento, porque eu tinha vergonha da situação e medo de perder meus filhos. Já o alcoolismo do meu companheiro, todos suportavam e apoiavam o tratamento dele [...].</i></p> <p>Autoria: Girassol, 50 anos. Era alcoolista, com Ensino Fundamental completo, solteira, vivia com a família (dois filhos) em casa própria, desempregada e em proposta no CAPS-ad havia um mês. Apresentava sintomas de ansiedade e depressão e era hipertensa.</p>
--	--

Quadro 1. História e autoria do desenho da ponte em Arteterapia desenvolvido pela participante Girassol.

Brasília, Distrito Federal, Brasil – 2024. (N=1) Fonte: Elaboração própria.

As narrativas anteriormente descritas apontaram aspectos que as participantes viveram no início da dependência de drogas, sentimentos presentes na sombra e associados à negatividade, ao medo, às angústias, à vergonha e à violência. Outro aspecto bastante enfatizado pelas participantes foi o estigma em relação a ser mulher adicta.

Categoria II - O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte

Esta categoria permitiu identificar falas das usuárias sobre suas dificuldades em acessar o serviço e/ou durante o tratamento e como os serviços se propõem a tratar essas mulheres. Além da projeção do momento presente, as participantes trouxeram a significação simbólica de difícil travessia ou passagem representada pelo tratamento. Nos relatos do desenho da ponte, sobre o momento atual, as participantes conseguiram verbalizar a conexão do desenho com sua vida pessoal relacionada ao tratamento. São apresentados alguns relatos a seguir.

O CAPS me acolheu muito bem, os funcionários são atenciosos e interessados no meu caso, mas no início tive medo e, por isso, demorei a buscar ajuda e tratamento [...]. (Tulipa).

[...] somos minoria aqui no CAPS, nos grupos mistos, que são a maior parte deles, eu não fico à vontade para falar sobre minhas reais dificuldades ou para dormir no acolhimento integral [...]. (Rosa).

Esses relatos apontaram que as mulheres adictas tendem a se ver de forma distinta em relação aos homens durante os serviços oferecidos voltados para o público dependente de drogas. Por serem minoria, geralmente, o tratamento é mais direcionado para as demandas masculinas.

Categoria III - Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte

Esta categoria discorreu sobre o futuro trazido pelas participantes que foi mediado pela preparação voltada para a solução dos problemas. Diante dessa perspectiva, as mulheres adictas resgataram desejos e sonhos, como observado nas narrativas a seguir.

[...] eu quero continuar no tratamento e seguir em frente, vencer os obstáculos, a exclusão social e a depressão, por meio da família unida, da busca pela tranquilidade e cuidar melhor da minha beleza pessoal [...]. (Azaleia).

O Quadro 2 mostra um desenho projetivo da ponte desenvolvido por dependentes de drogas durante intervenção de Arteterapia, juntamente com a autoria e história do mesmo para ilustrar Categoria III - Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte.

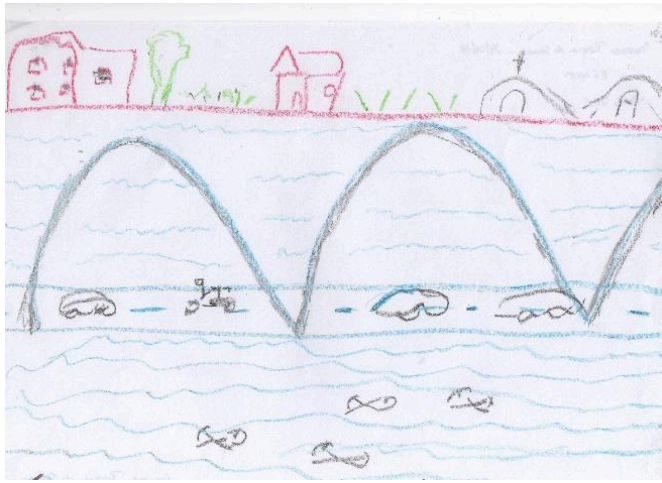
	<p>Título: <i>Ponte da Felicidade</i></p> <p>Narração do desenho: <i>Estou tentando atravessar a ponte, quero continuar meu tratamento no CAPS-ad, conseguir manter meu foco (ficar limpa - sem as drogas) sem cair e alcançar meus objetivos (estudo e emprego novos), ter boa saúde e uma vida saudável. E, assim, a minha família se orgulhar de mim! [...]</i></p> <p>Autoria: Crisântemo, 56 anos. Era alcoolista, com Ensino Médio completo, viúva, vivia com uma filha em casa própria, aposentada do INSS e em proposta no CAPS-ad havia um ano. Fazia tratamento de transtorno depressivo e era hipertensa.</p>
---	--

Figura 2. Desenho de Crisântemo.

Quadro 2. História e autoria do desenho da ponte em Arteterapia desenvolvido pela participante Crisântemo.

Brasília, Distrito Federal, Brasil – 2024. (N=1) Fonte: Elaboração própria.

As verbalizações dessa categoria fizeram surgir projeções futuras e pretensões, entre as quais citaram manter-se no tratamento da dependência de drogas, evitar recaídas e permanecer na abstinência das substâncias, além de almejar a mudança no estilo de vida, a reestruturação da dinâmica familiar e o cuidado com a autoimagem.

Discussão

O perfil da população feminina vulnerabilizada pelas drogas encontrado na pesquisa se assemelha ao de alguns estudos na área. Um estudo desenvolvido com usuárias de um CAPS-ad da cidade de São Paulo, no qual o perfil predominante foi de mulheres alcoolistas, com idade média alta, no caso de 38 anos, sem companheiro - 81,1%, com vínculo familiar ruim/conflituoso - 52,7% e sem vínculo empregatício - 83,5% (LEÃO *et al.*, 2020).

Um estudo transversal realizado em oito municípios do Ceará registrou que 78,1% dos dependentes de drogas apresentaram rastreamento positivo para Transtorno Mental Comum com índices elevados para a presença de pensamentos depressivos, humor ansioso e depressivo, sintomas somáticos e decréscimo de energia vital. E os autores complementaram que o sexo feminino, por não ter ocupação ou companheiro fixos, apresenta maior vulnerabilidade para desenvolver os transtornos (MOREIRA *et al.* 2020).

Os transtornos depressivos e ansiosos são, frequentemente, comorbidades das mulheres alcoolistas, diferentemente dos homens, que apresentam maior comorbidade com transtornos de personalidade (GJESTAD *et al.*, 2011). As mulheres alcoolistas têm mais comorbidades que os homens com o mesmo vício: aproximadamente 65% das mulheres contra 44% dos homens. E, em relação à população em geral, 31% de mulheres alcoolistas têm transtornos depressivos e ansiosos contra 5% de mulheres não alcoolistas (SLADE *et al.*, 2016).

Segundo Scheffer e Almeida, em estudo realizado no ano de 2010, foi verificado que a impulsividade e o uso de álcool estão relacionados em ambos os sexos; porém, no sexo feminino há uma vulnerabilidade comportamental e cognitiva além dos aspectos biológicos em resposta ao uso do álcool. Ao comparar com o sexo masculino, as mulheres adictas são mais propensas a desenvolver problemas físicos, como hipertensão, desnutrição, anemia, doença cardiovascular, doenças hepáticas e gástricas, câncer de mama, osteoporose, bem como alterações nas funções reprodutivas e sexuais, como ausência de ovulação, diminuição dos ovários e infertilidade. Os homens apresentam mais problemas legais e profissionais do que as mulheres, que exibem mais conflitos familiares e conduta estressante (GJESTAD *et al.*, 2011).

A dificuldade de compreender que a dependente de drogas precisa de tratamento especializado é uma realidade entre as mulheres participantes. Além do que, a condição do papel convencional imposto com exclusividade pela sociedade à mulher, como a guarda dos

filhos e os cuidados com a casa, imperou em depoimentos das mulheres adictas. Por isso, que frequentemente essas mulheres fogem dos serviços especializados pelas ideias pré-concebidas de que serão marginalizadas e vistas de forma estereotipada como promíscuas, desregradas e imorais e, assim, tratadas como tais (MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017).

Um estudo revelou que as mulheres adictas desenvolviam comportamentos negativos e depressivos, que as deixavam fragilizadas, desprotegidas, inseguras e ocultas, aspecto que as impedia de desenvolver motivação para modificar esse cenário. Os autores acrescentam que a dependência de drogas na mulher pode intensificar conflitos em diversas áreas da sua vida, tais como: autoimagem, valores pessoais e feminilidade (NASCIMENTO; SILVA, 2021). Aspectos citados que vão de encontro com os resultados deste estudo.

Frequentemente, a postura preconceituosa da sociedade em relação à mulher adicta reforça o estigma interno das próprias pessoas acometidas pela doença. Cezar, Ribeiro e Francke (2021) ressaltam essa ideia de que a sociedade estigmatiza as mulheres adictas e as colocam fora dos padrões femininos esperados e alegam que são más esposas e más mães. Ao serem depreciadas, insultadas e agredidas constantemente, essas mulheres acabam acreditando nessas calúnias e, muitas vezes, retardam a busca precoce por tratamento especializado, o que as levam a ter condições mais precárias e comprometidas de saúde ao buscar ajuda. Outro estudo acrescenta que as mulheres adictas apresentam constantemente alto nível de morbidade e acentuada vulnerabilidade psicossocial (SANTOS *et al.*, 2019).

Algumas mulheres, participantes do estudo, relatam que tinham uma cultura liberal do consumo de drogas em casa, por algum familiar ou do companheiro afetivo e, de onde ocorriam cenas de violência desde a infância. A casa, um lugar que deveria servir de acolhimento e proteção, se transforma muitas vezes em um local facilitador de acesso às substâncias psicoativas, drogas, e de violência doméstica e potenciais riscos de recaídas (SOCCOL *et al.*, 2019). Complementa Lurkiv (2019) que as mulheres adictas são, frequentemente, influenciadas pelo consumo que seus companheiros ou amigos bem próximos ou por terem vivido em lares nos quais o consumo abusivo de drogas era comum por parte dos cuidadores.

Surgiram nos depoimentos das mulheres que a infância e a adolescência foram marcadas por violência física e em especial sexual doméstica. As mulheres adictas têm em seu histórico abusos físicos e sexuais sofridos anteriormente. As mulheres podem sofrer abusos em várias fases da vida, entretanto, nas adictas, a natureza da violência e a reincidência e tempo de abusos físicos, sexuais e psicológicos se multiplicam. A violência infantil na mulher é considerado um evento estressor que favorece a fragilidade emocional e age como um precursor para a dependência de drogas (LUCCHESI *et al.*, 2017).

Ao ser minoria em grupos mistos no serviço de saúde mental, as demandas das mulheres adictas acabam sendo subordinadas às masculinas - consideradas componentes dominantes. Sendo assim, essas mulheres não encontram oportunidade de falar sobre sua dor ou sofrimento específico. A escolha das mulheres adictas nos grupos femininos é discorrer sobre as condições de ser mulher, seus conflitos internos, seus sentimentos, já que a dependência de drogas normalmente surge como elemento secundário nos discursos vivenciados por elas. Diferente dos homens, que tem um discurso mais empobrecido e focado no mundo das drogas (VENOSA, 2011).

Esses aspectos acabam fragilizando o tratamento destinado ao público feminino dependente de drogas. Por essa razão que a literatura (VENOSA, 2011; MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017; NASCIMENTO *et al.*, 2017; IURKIV, 2019; LEÃO *et al.*, 2020; RIBEIRO; FRANCKE, 2021) enfatiza a necessidade de elaborar planos terapêuticos pautados nas questões como conflitos familiares, autoestima, reintegração social e familiar, bem como nas potencialidades dessas mulheres.

Ademais, o que chama a atenção é que, mesmo diante das adversidades desencadeadas pela dependência de drogas, as mulheres conseguiram resgatar saídas saudáveis para seus problemas. Um estudo constatou que os dependentes de drogas percebem sua vida como sem valor frente à família e à sociedade, contudo, ao aderir ao tratamento, passam a refletir sobre sua vida e buscar maneiras mais saudáveis de reconstruir seu caminho e o seu existir, no qual se reelaboram sonhos futuros com o reatar de laços familiares e sociais (INOUE *et al.*, 2019).

De conformidade com os relatos, a adesão ao tratamento terapêutico possibilita às participantes a mudança de atitude e de comportamento de vida e o reatar vínculos afetivos importantes. Pois, levam essas mulheres a almejar outros desejos mais saudáveis em detrimento do único desejo de consumir drogas, como uma saída única e exclusiva para lidar com problemas e situações de risco físico, psicológico ou social. A mulher adicta acaba sendo movida pelo intenso desejo de consumir drogas que as fazem prejudicar a sensação e o contato consigo mesmo e com o mundo à sua volta e com o equilíbrio emocional, se volta para o momento presente e esquece seus sonhos e desejos futuros. Fato que evidencia a necessidade de se dedicar ao trabalho terapêutico para aspectos de resiliência com essas mulheres adictas no que se refere ao enfrentamento das questões do cotidiano e as estimule a despertar o interesse por atividades que lhes tragam prazer e alegria (SOCCOL *et al.*, 2019).

O desenho da ponte em Arteterapia auxiliou, de forma criativa e lúdica, no desvelar da história pessoal e na reflexão sobre o processo de saúde-doença das mulheres adictas. Dados que corroboram com os achados de Hanes (2017), que também desenvolveu o uso projetivo de desenhos com caminhos ao invés da temática ponte com mulheres

dependentes de drogas alojadas em uma Comunidade Terapêutica. A autora identificou que, por meio dos desenhos do caminho, as participantes compreenderam melhor o seu próprio caminho de recuperação, ao simbolizarem a capacidade de transformação e relatarem *insights* reveladores sobre o uso de drogas e o seu estado psicológico.

Por meio de outro desenho projetivo intitulado *Metáfora da chuva* em Arteterapia, realizado por Torres e Lima (2020), foi possível conhecer o processo de adoecimento, sob a ótica feminina de usuárias de um CAPS-ad III. Os desenhos elucidaram uma trajetória de vida subjetiva permeada por muitas fragilidades e vulnerabilidades das suas autoras e a técnica abriu espaço para o diálogo e a reflexão, no sentido de proporcionar momentos de elaboração de experiências negativas - o que oportunizou a reconstrução de novos projetos de vida. Dados que vão de encontro com os evidenciados desta pesquisa.

Complementa o estudo de Valladares-Torres *et al.* (2018) que visou identificar a percepção da autoimagem corporal de mulheres toxicômanas assistidas vítimas de violência em uma intervenção de Arteterapia com a utilização do desenho projetivo da autoimagem realizada por um serviço de saúde mental. Os resultados desta pesquisa evidenciaram que as cenas com violência foram marcadas por indícios de conflitos, dificuldades, passividade, agressividade e desajustamento social e alegaram que esse tipo de abordagem pode ser uma ferramenta lúdica que facilita o acesso ao tema de violência junto a mulheres que apresentam abuso de substâncias psicoativas.

Ao relatar as experiências vividas por estudantes de Enfermagem que favoreceram a reabilitação psicossocial e inclusão social de mulheres adictas apenas com o uso do mosaico em Arteterapia, Wielganczuk, Guadim e Soares (2018) apontaram que o processo auxiliou na expressão e materialização de sentimentos e na reflexão das próprias vivências dessas mulheres; aspecto que favoreceu a resolução de conflitos internos e externos, igualmente promoveu o autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades. Assim, foi possível ouvir relatos de planejamentos futuros como arrumar um emprego e procurar reabilitação, aspecto que se assemelhou aos encontrados neste estudo.

O uso da Arteterapia voltada para o público feminino revelada por artigo de revisão observou benefícios para a mulher, como a melhora na autopercepção e na autoimagem, aumento da capacidade expressiva, de elaboração de emoções, conexão com os desejos e de atitudes positiva frente à vida, bem como na redução da inibição - dados que corroboram com os encontrados nesse estudo (SOARES *et al.*, 2020).

Estudos nacionais e internacionais têm evidenciado efeitos positivos da Arteterapia aplicado às mulheres, especificamente adictas, e revelaram algumas melhorias destacadas a seguir na Tabela 1.

Nº	Aspectos positivos	Autores
1	No ajustamento emocional	VALLADARES-TORRES, 2020; TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a.
2	Na redução da tensão e de sintomas de ansiedade	MOHADDASEH et al., 2019; VALLADARES-TORRES, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; 2020; VALLADARES-TORRES: NEVES, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
3	Na redução de sintomas de depressão	VALLADARES-TORRES, 2018; VALLADARES-TORRES: NEVES, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
4	No estímulo da autoconfiança	VALLADARES-TORRES, 2018; VALLADARES-TORRES, 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a; VALLADARES-TORRES; MARQUES, 2021.
5	No estímulo do relaxamento	VALLADARES-TORRES, 2018; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a.
6	No despertar da criatividade	HANES, 2017; MOHADDASEH et al., 2019; TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2020; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
7	No resgata a satisfação em desenvolver a atividade	VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
8	No encorajamento da partilha de emoções	HANES, 2017; VALLADARES-TORRES, 2018; WIELGANCZUK; GUADAIM; SOARES, 2018; MOHADDASEH et al., 2019; TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2020; SOARES, A. L. S.; VALLADARES-TORRES, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a; VALLADARES-TORRES; MARTINS, 2023.
9	No favorecimento do bem-estar geral	MOHADDASEH et al., 2019; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a.

Tabela 1. Melhorias destacadas nos estudos de Arteterapia desenvolvidos com mulheres adictas, que corroboram sobre a efetividade da Arteterapia junto a esse público trabalhado. Brasília, Distrito Federal, Brasil – 2024. Fonte: Arquivo do autor.

Como limitações desta pesquisa, pode-se sinalizar a restrição de um cenário único de saúde mental e o número reduzido de participantes. Salienta-se ainda que, por se tratar de estudo qualitativo, os dados analisados evocaram aspectos subjetivos de uma realidade e momentos únicos e que, por isso, devem-se evitar generalizações. Entretanto, consideram-se inegáveis as evidências e contribuições emanadas pelo estudo que foram expostas acerca dos desenhos projetivos da ponte em Arteterapia sobre a mulher - tendo como foco o cenário da dependência de drogas.

Acredita-se que os achados dessa pesquisa sejam importantes para integrar os caminhos que vêm sendo utilizados na prática terapêutica na assistência à mulher dependente de drogas, dentro de um serviço de saúde mental para que mais mulheres possam usufruir de tal experiência exitosa.

Considerações finais

A partir do estudo, verificou-se que as mulheres adictas participantes viviam em situação de vulnerabilidade física, emocional e social e foi por meio do desenho projetivo da ponte que oportunizou compreender a percepção dessas mulheres sobre sua condição de dependência.

Destaca-se ainda que, mesmo ao se considerar as particularidades de cada mulher participante da pesquisa, foi por meio do desenho que emergiram três categorias: A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte; O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte; e Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte. A imagem da ponte no papel simbolizou a passagem do passado rumo ao futuro, além da projeção do momento presente – a difícil travessia ou passagem da ponte ou do tratamento.

Nos relatos sobre o desenho da ponte, as participantes conseguiram verbalizar a conexão do desenho com sua vida pessoal relacionada à sua condição de mulher adicta. Verificou-se que existiam experiências semelhantes de fragilidade e demandas em cada categoria, na condição de mulher adicta. Surgiram sentimentos de tristeza, solidão, medo, estigma social, violência, conflitos de papéis, com exclusão social relacionadas com às drogas. As dificuldades para acessar o serviço de tratamento especializado e ser minoria nos grupos terapêuticos, acabavam por direcionar o tratamento para as demandas masculinas. Sobre os sonhos e pretensões futuras destacaram-se a manutenção do tratamento especializado, a mudança no estilo de vida, a reestruturação familiar e os cuidados com a autoimagem.

As mulheres adictas devem ser ouvidas e reconhecidas em suas fragilidades e seu sofrimento para que seja elaborado um plano terapêutico pautado em suas reais necessidades. Diante dessa vivência, acredita-se que o desenho projetivo e outras experiências na área de Arteterapia devem ser despertadas e ofertadas por profissionais da área nesse contexto, a fim de fazer compreender a dimensão de todo o sofrimento das mulheres adictas e valorizar as particularidades de suas dores e potencialidades, de forma lúdica e criativa.

O processo de Arteterapia é uma atividade que auxilia o participante a refletir sobre seu desenvolvimento como um agente mais ativo no seu tratamento; pois, ao colocar no papel seus sentimentos, pensamentos e sensações, a pessoa consegue olhar de forma

distanciada para sua vida, compartilhar verbalmente suas demandas, o que facilita a reflexão para que consiga alterar essa realidade em prol da sua reabilitação, do seu próprio bem-estar ao longo da vida e, assim, favorecer a sua saúde mental. Desta forma, conclui-se que essa dinâmica ofertada favoreceu o acolhimento, a escuta, a partilha e a reflexão de aspectos emocionais e anseios da mulher adicta para que ela possa fazer suas escolhas mais conscientes em suas múltiplas dimensões, conforme suas necessidades e sua subjetividade ao invés de uma única opção de ser o consumo da substância psicoativa.

Recomenda-se, ainda, a realização de novas pesquisas acerca da temática para que as mulheres se sintam mais conectadas e amparadas criativamente pela arte, além de contribuir para a consolidação e implementação de Arteterapia voltadas para essa clientela.

Data de recebimento: 24.05.2024

Data primeiro aceite: 15.09.2024

Data segundo aceite: 05.12.2024

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CEZAR, A. P. F.; RIBEIRO, T.; FRANCKE, I. A mulher e a dependência química: Que relação é essa? **Diaphora – Revista Sociedade Psicologia RG**. v. 10, n. 3, p. 17-23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/217869.10.3-3>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2017.

DAREWYCH, O. H.; BOWERS, N. R. *Positive arts interventions: creative clinical tools promoting psychological well-being*. **Journal International Journal of Art Therapy**. v. 23, n. 2, p. 62-9, 2018.

FREITAS, B. L.; MELLO, R.; SANTOS, L. M. S. S. Residentes de Enfermagem e a terapia pela arte. **Revista Baiana de Enfermagem**. v. 35, p. e44427, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v35.44427>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GJESTAD, R. *et al.* *Level and change in alcohol consumption, depression and dysfunctional attitudes among females treated for alcohol addiction*. **Alcohol** [Internet]. v. 46, n. 3, p. 292-300, 2011. Disponível em: www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=21414951.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

HANES, M. *Road to recovery: road drawings in a gender-specific residential substance use treatment center*. **Journal of the American Art Therapy Association**. v. 34, n. 4, p. 201-8, 2017.

IURKIV, A. A. B. Impactos da dependência do álcool na vida social e familiar da mulher: uma visão humanista. **Faculdade Sant'Ana em Revista**. v. 3, n. 2, p. 142-57, 2019. Disponível

em: www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/621. Acesso em: 15 fev. 2025.

INOUE, L. *et al.* *Life perceptions and future perspectives of drug users: understand to care.* *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas.* v. 15, n. 2, p. 52-9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.000417>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LACERDA, C. B.; FUENTES-ROJAS, M. **Significados e sentidos atribuídos ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) por seus usuários: um estudo de caso.** *Interface - Comunicação, Saúde, Educação.* v. 21, n. 61, p. 363-72, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0060>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LEÃO, N. M. F. *et al.* Perfil de mulheres acolhidas em leitos de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Enfermagem em Foco* (Brasília). v. 11, n. 1, p. 63-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.2528>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LUCCHESI, R. *et al.* *Common mental disorder among alcohol and drug abusers: a cross-sectional study.* *Texto Contexto Enfermagem.* v. 26, n. 1, p. e4480015, 2017.

MEDEIROS, K. T.; BARROS, M. M. M. A.; MACIEL, S. C. Representações sociais sobre mulher e mulher usuária de drogas. *Arquivo Brasileiro de Psicologia.* v. 72, n. 3, p. 19-34, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2020v72i3p.19-34>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MEDEIROS, K. T.; MACIEL, S. C.; SOUSA, P. F. *Women in the context of the drugs: social representations of users in treatment.* *Paideia.* v. 27, n. 1, p. 439-47, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201709>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MIRANDA, G. P.; NASCIMENTO, M. N.; SILVA, F. A. S. Mulheres, dependência química e a experiência de internação por uso de drogas. *Revista Científica UMC.* v. 6, n. 2, p. 1-4, 2021.

MOHADDASEH, M. *et al.* *The effect of mandala art therapy on reducing anxiety in women with substance abuse.* *Quarterly Journal of Research on Addiction.* v. 13, n. 53, p. 269-84, 2019. Disponível em: <http://etiadpajohi.ir/article-1-2151-en.html>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MOREIRA, R. M. M. *et al.* Transtorno mental comum em usuários de substâncias psicoativas. *Enfermagem em Foco.* v. 11, n. 1, p. 99-105, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.2528>. Acesso em: 15 fev. 2025.

NASCIMENTO, V. F. *et al.* Percepção de mulheres em situação de dependência química no interior de Mato Grosso, Brasil. *Cultura de los Cuidados.* v. 21, n. 48, p. 33-42, 2017. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/69270/1/CultCuid_48_04.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

SANTOS, J. A. T. *et al.* *Women in outpatient treatment for alcohol abuse: sociodemographic and clinical characteristics.* *Revista Brasileira de Enfermagem.* v. 72, n. 3, p. 93-101, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0399>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SLADE, T. *et al.* *Birth cohort trends in the global epidemiology of alcohol use and*

*alcohol-related harms in men and women: systematic review and metaregression. **BMJ Open.*** v. 6, p. e011827, 2016. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/6/10/e011827>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SOARES, A. L. S. *et al.* Arteterapia com mulheres: revisão de literatura. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 27, n. 1, p. 41-50, 2020. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SOARES, A. L. S.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. Percepção de um grupo de mulheres toxicômanas em Arteterapia sobre o Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 27, n. 1, p. 29-40, 2020. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SOCOL, K. L. S. *et al.* Motivos da recaída ao uso de drogas por mulheres na perspectiva da Fenomenologia Social. **Enfermagem em Foco.** v. 10, n. 15, p. 118-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019>. Acesso em: 15 fev. 2025.

TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. *Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. **International Journal for Quality in Health Care.*** v. 19, n. 6, p. 349-57, 2007. Disponível em: <https://doi:10.1093/intqhc/mzm042>. Acesso em: 15 fev. 2025.

TORRES, A. C. A. V.; LIMA, V. H. R. Desenhos que revelam o processo de adoecimento de mulheres usuárias de um CAPS-ad III. **Archives of Health.** v. 1, n. 5, p. 364-86, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46919/archv1n5-020>. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias: da patologização ao desenvolvimento criativo.** Curitiba: CRV; 2021a.

_____. **Arteterapia na saúde: da dor à criatividade.** Curitiba, PR: CRV, 2021b. 166p. Vol.1.

_____. Arteterapia no cuidado à saúde mental de mulheres adictas no acolhimento integral. *In:* FREITAS, S. A. A. (org.). **Coletânea Saúde e Bem-Estar: teorias e práticas.** São Luís: Pascal, 2020. p. 34-52.

_____. Arteterapias criativas com mulher dependente de múltiplas drogas – um estudo de caso. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida.** v. 25, n. 1, p. 26-37, 2018. Disponível em: <https://www.abcaArteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 15 fev. 2025.

_____. O uso do desenho projetivo da autoimagem no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência – uma experiência em Arteterapia. **Revista. Arteterapia da AATESP.** v. 9, n. 1, p. 4-30, 2018. Disponível em: www.aatesp.com.br/revista. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MARQUES, A. H. S. Avaliação da maquiagem em Arteterapia com mulheres dependentes de drogas – Estudo piloto. *In:* BARBOSA, F. C. (org.). **Tópicos em ciências da saúde** – volume VI. Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2021. p.150-170.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MARTINS, N. S. Arteterapia com homens e mulheres dependentes de drogas: análise do desenho da ponte e a diferença entre gêneros. *In:* KLAUSS, J.; ALMEIDA, F. A. (org.). **Saúde mental: interfaces, desafios e cuidados em**

pesquisa - volume 3. Guarujá: Científica Digital, 2023. p. 42-64.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOREIRA, D. S. S. Alterações das emoções nas intervenções de Arteterapia com o uso de histórias aplicadas a mulheres dependentes de drogas. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**. v. 27, n. 1, p. 18-28, 2020. Disponível em: www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOREIRA, D. S. S. Uso de histórias em Arteterapia: perspectiva terapêutica para mulheres dependentes de droga. **Revista Arteterapia da AATESP**. v. 10, n. 2, p. 19-39, 2019. Disponível em: www.aatesp.com.br/resources/files/downloads/revista_v10_n2.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; NEVES, B. L. Arteterapia com mulher alcoolista: relação com sintomas de ansiedade e de depressão – relato de caso. *In*: BARBOSA, F. C. (org.). **Ciências da Saúde: uma abordagem pluralista**. v. II. Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2020. p. 55-71.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; RODRIGUES, L. T. A. Eficácia de programa de Arteterapia com grupo de mulheres com dependência de drogas. **Revista Arteterapia Proceso Creativo Transformación**. v. 7, p. 50-6, 2020. Disponível em: www.arteterapiarevista.com.ar. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SANTIAGO, E. C. L. Arteterapia com grupo de mulheres em sofrimento mental relacionado ao uso abusivo de substâncias psicoativas. *In*: BARBOSA, F. C. (org.). **Ciências da Saúde: uma abordagem pluralista**. Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2020. p. 122-147.

VENOSA, P. A. S. Grupos psicoterapêuticos de mulheres dependentes químicas: questões de gênero implicadas no tratamento. **Revista SPAGESP**. v. 12, n. 1, p. 56-65, 2011. Disponível em: <https://psykebase.es/servlet/articulo?codigo=5468736>. Acesso em: 15 fev. 2025.

WIELGANCZUK, R. P.; GUADAIM, L. M.; SOARES, M. H. Arteterapia como reabilitação psicossocial e inclusão social de dependentes químicas apenadas. **Anais XI Simpósio de Humanização em Saúde: Sensibilizarte: a arte como instrumento para humanização na formação e no cuidado em saúde – segunda fase**. v. 1, p. 17-18, 2018. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/shs/article/view/320/294>. Acesso em: 15 fev. 2025.